

## De Portugal para a Amazônia: a alternância de espaço ficcional nos contos de Marques de Carvalho

Profa. Dra. Germana Sales (UFPA)  
Mestrando Alan Flor (UFPA)

### **Resumo:**

*O jornalista, político, diplomata e escritor paraense João Marques de Carvalho nasceu em Belém, no estado do Pará, no dia 6 de novembro de 1866, e faleceu em Nice, no sul da França, no dia 11 de abril de 1910, aos 43 anos. Dedicou ainda grande parte de sua vida ao jornalismo. Não apenas foi colaborador de alguns periódicos que fizeram parte da constituição da história da imprensa jornalística belenense, entre os quais destacamos A Província do Pará, A República e Diário de Belém, como também foi fundador de alguns periódicos de pequeno porte e vida efêmera, entre os quais mencionamos A Arena e Comércio do Pará. Aliou sua carreira de jornalista à de escritor e soube se aproveitar de um espaço específico dos jornais muito utilizado por alguns escritores estrangeiros e nacionais para divulgação de parte de sua prosa de ficção. Esse espaço era conhecido como a coluna Folhetim. No rodapé das páginas jornal A Província do Pará, apenas no ano de 1885, o escritor paraense publicou os contos A Cereja, A gruta do amor, A comédia do amor e Que bom marido!..., além do romance A leviana: a história de um coração e das lendas A fada malévola e A rocha do desespero. No ano seguinte, em 1886, lançou na coluna Folhetim a lenda O boto. No ano de 1887, divulgou na seção Ciências, Letras e Artes o conto Ao despertar. Em 1889, publicou no pé da página os contos No baile do comendador e Gaivotas. Um ano depois, em 1890, lançou o conto Posições. Muito mais tarde, em 1897, divulgou também o texto Conto de Natal. Em 1898, publicou os contos Um como tantos e Colisões. Em 1899, finalmente, lançou os contos O fim do mundo e A neta da cabocla de Ourém. Nesses textos, é possível perceber que há uma mudança do espaço da narrativa. Nos primeiros contos A Cereja e A comédia do Amor, por exemplo, o enredo é ambientado em cidades de Portugal, como Porto e Peso da Régua. No conto Que bom marido!..., por sua vez, a intriga já começa a se desenrolar em Belém do Grão-Pará. Considerando-se, portanto, essa alternância de espaço ficcional nos textos de Marques de Carvalho, objetiva-se, com este trabalho, analisar as escolhas de ambiente narrativo pelo escritor paraense para se compreender o fazer literário de sua prosa de ficção.*

**Palavras-chave:** Marques de Carvalho, prosa de ficção, espaço ficcional, contos, periódico.

### **1 Introdução**

Após ter sido selecionado no ano de 2012 como leitura recomendada para o processo seletivo da Universidade Federal do Pará (UFPA), o escritor paraense João Marques de Carvalho alcançou uma notoriedade e um espaço no cenário literário de que antes não dispunha, pois seus textos permaneceram por muito tempo esquecidos, seja em páginas amareladas de livros considerados raros, seja em folhas de jornais que circularam por

Belém no final do século XIX<sup>1</sup>.

Diante de uma vasta produção ficcional, *Hortêncina* é, sem dúvida, sua obra mais conhecida. Publicado em 1888 e escrito aos moldes naturalistas, esse romance já foi alvo da pena de críticos literários hoje já consagrados, como Sílvio Romero, José Veríssimo e Lúcia Miguel Pereira, que desqualificaram veementemente o valor estético-literário dessa narrativa. Além do romance *Hortêncina*, Marques de Carvalho publicou também outros livros: *Contos paraenses* (1889), *Entre as ninfeias* (1896) e *Contos do Norte* (1900), assim como também a obra de cunho autobiográfico *A carteira de um diplomata* (1889) e a peça de teatro *A Bubônica* (1904).

Dedicou ainda grande parte de sua vida ao jornalismo. Não apenas foi colaborador de alguns periódicos que fizeram parte da constituição da história da imprensa jornalística belenense, entre os quais destacamos *A Província do Pará*, *A República* e *Diário de Belém*, como também foi fundador de alguns periódicos de pequeno porte e vida efêmera, entre os quais mencionamos *A Arena* e *Comércio do Pará*. Aliando sua carreira de jornalista à de escritor, soube se aproveitar de um espaço específico dos jornais muito utilizado por alguns escritores estrangeiros e nacionais para divulgação de parte de sua prosa de ficção. Esse espaço era conhecido como a coluna *Folhetim*.

No jornal *Diário de Belém*, primeiro periódico do qual Marques de Carvalho foi colaborador, o escritor paraense publicou na coluna *Varietade*, entre 1883 e 1884, o romance *Ângela*. Na seção *Parte Literária* desse mesmo jornal, ocupando quase totalmente a primeira página, também lançou, em 1889, o conto *O preço das pazes*. Já no rodapé do jornal *A República*, divulgou, em 1887, o romance naturalista *O pajé*. No periódico literário *A Arena*, destinado apenas à publicação de textos assinados por autores paraenses, publicou, em 1887, os contos *Ao soprar da vela*, *História incongruente* e *A medalha do soldado*.

No jornal *A Província do Pará*, o número de textos ficcionais de autoria de Marques de Carvalho é ainda maior. Apenas no ano de 1885, na coluna *Folhetim*, o escritor paraense publicou os contos *A Cereja*, *A gruta do amor*, *A comédia do amor* e *Que bom marido!...*, além do romance *A leviana: a história de um coração* e das lendas *A fada malévola* e *A rocha do desespero*. No ano seguinte, em 1886, lançou na coluna *Folhetim* a lenda *O boto*. No ano de 1887, divulgou na seção *Ciências, Letras e Artes* o conto *Ao despertar*. Em 1889, publicou no rodapé da página os contos *No baile do comendador* e *Gaiivotas*. Um ano depois, em 1890, lançou o conto *Posições*. Muito mais tarde, em 1897, divulgou também o texto *Conto de Natal*. Em 1898, publicou o conto *Um como tantos* e a crônica *Colisões*. Em 1899, finalmente, lançou os contos *O fim do mundo* e *A neta da cabocla de Ourém*.

Ao todo, somam-se vinte e dois textos em prosa de ficção de autoria de Marques de Carvalho, entre romances, lendas e contos, dispersos em periódicos belenenses oitocentistas. Alguns dos contos já foram relançados em livros, organizados pelo próprio escritor paraense. Na obra *Contos paraenses* (1889), foram reunidas as narrativas: *Que bom marido!*, *Ao despertar*, *O preço das pazes*, *História incongruente* e *No baile do comendador*. No livro *Contos do Norte* (1900), por sua vez, foram relançados os textos: *Conto de Natal*, *A neta da cabocla de Ourém* e *Um como tantos*. Finalmente, na obra *Entre as ninfeias* (1896), houve a republicação do conto *Gaiivotas*. Esses livros, entretanto, não são reeditados há mais de um século e, por essa razão, são considerados raros e podem ser

---

<sup>1</sup> Marques de Carvalho foi selecionado como leitura recomendada para o processo seletivo da Universidade Federal da Pará (UFPA) em 2012 com os contos “Que bom marido!” e “Desilusão”, disponíveis no livro *Contos do Norte* (1900).

encontrados apenas em determinadas bibliotecas públicas ou em acervos de colecionadores. A partir dos inúmeros títulos de textos em prosa de ficção assinados por Marques de Carvalho e publicados na imprensa periódica local, é possível observar que o autor paraense apresenta uma vasta produção ficcional dispersa em jornais belenenses oitocentistas.

Em alguns contos de sua autoria, o enredo é ambientado em cidades de Portugal, como Porto e Peso da Régua. Já em outros, a intriga desenrola-se na região amazônica, principalmente em Belém, capital do estado do Pará. Considerando-se, portanto, essa alternância de espaço ficcional nos textos de Marques de Carvalho, objetivamos, com este trabalho, analisar as escolhas do ambiente narrativo pelo escritor paraense para se compreender o fazer literário de sua prosa de ficção.

## 2 O espaço ficcional folhetinesco

A maior parte dos estudos sobre o romance-folhetim, geralmente, pauta-se em abordagens que fogem à análise mais detida do texto folhetinesco. Ilana Heineberg (2004), entretanto, escreveu uma tese de doutoramento cujo principal objetivo era sair um pouco da questão histórico-geográfica e da recepção pelo público leitor do romance-folhetim e analisar os textos folhetinescos brasileiros, publicados entre 1839 e 1870, nos jornais *Jornal do Comércio*, *Diário do Rio de Janeiro* e *Correio Mercantil*, para observar sua organização narrativa, suas temáticas recorrentes e seus empréstimos. A partir do *corpus* reunido, Ilana Heineberg, segundo a cronologia e a formação do romance-folhetim no Brasil, divide os textos publicados no rodapé da página em três categorias distintas: miméticos, aclimatados e transformadores.

Os miméticos concernem aos romances publicizados em 1839, nos quais é possível perceber uma transposição de um cenário estrangeiro para ambientar o enredo da narrativa. Esses textos podem se passar facilmente, e com frequência, por romances-folhetins estrangeiros, de tal modo que seus autores podiam até mesmo chegar a negar a paternidade da obra nos prefácios. Segundo Ilana Heineberg, a situação de expatriação assumida por esses textos brasileiros é a prova da importância do romance-folhetim estrangeiro, sobretudo o francês, para os autores, para os editores de jornais, para o público e, finalmente, para todo esse sistema literário em formação. Para a autora, é por essa razão que os primeiros textos em folhetim brasileiros aproximam-se da matriz, não para se reivindicarem como romances brasileiros, pois são anteriores à manifestação na prosa da estética romântica, que pretendia estabelecer uma identidade nacional à literatura brasileira, mas para serem reconhecidos como legitimamente folhetinescos, sendo, portanto, escritos aos moldes dos primeiros textos fundadores do gênero, reproduzindo os mesmos espaços e as mesmas temáticas.

Divulgados entre a década de 1839 e a década de 1850, os aclimatados, por sua vez, demonstram uma vontade explícita de transpor os costumes e os cenários nacionais para o romance-folhetim. Para Ilana Heineberg, essa noção pode ser justificada pelo fato de que esses textos são posteriores à publicação das primeiras manifestações do gênero romanesco no Brasil. As temáticas e as escolhas espaciais desses textos, por conseguinte, representam uma forma de descoberta do país pelo romance, pois nesse período há por trás dessa aclimação uma espécie de responsabilidade social. Para a autora, porém, os romances-folhetins aclimatados não rompem ainda com os moldes folhetinescos da matriz.

Publicados entre 1860 e 1870, os transformadores, finalmente, muito mais do que transpor os costumes e os cenários nacionais para a narrativa folhetinesca, demonstram uma tomada de posição e o início de uma transformação face ao modelo folhetinesco. É

nesse período que o gênero consegue obter sua autonomia em relação aos modelos estrangeiros. De acordo com Ilana Heineberg, essa tomada de posição não significa uma negação do modelo folhetinesco, mas sim o emprego de procedimentos narrativos e estilísticos que demonstram uma consciência crítica, comumente por meio do humor.

Segundo Ilana Heineberg, o processo de formação e de consolidação do romance-folhetim brasileiro não é de forma alguma estático ou regular. Alguns textos apresentam vestígios das fases anteriores ou posteriores, assim como há romances inteiros que parecem dialogar com uma fase subsequente ou voltar a uma precedente. Assim, a autora conclui que essas etapas marcam apenas pontos de referência de um processo longo e irregular.

É importante enfatizar, contudo, que o *corpus* delimitado por Ilana Heineberg em suas pesquisas se restringe somente aos textos brasileiros que foram divulgados no rodapé das páginas de três jornais cariocas. É possível, portanto, que o desenvolvimento do romance-folhetim em outras províncias não se enquadre no processo sistematizado pela autora, de tal modo que as fases de formação do romance-folhetim em outras localidades não coincidam com as fases de formação do romance-folhetim no Rio de Janeiro.

Além disso, o estudo no qual Ilana Heineberg pretende discutir a formação do romance-folhetim brasileiro é feito a partir de um *corpus* que comporta apenas textos folhetinescos que foram divulgados em jornais cariocas. Esse fato demonstra que as pesquisas foram realizadas apenas em nível local e não nacional. É óbvio que esse caso não desmerece em momento nenhum o trabalho de Ilana Heineberg, uma vez que a ampliação do *corpus*, adicionando jornais que circularam em outras províncias, representaria um tempo incalculável destinado à pesquisa e um trabalho de muito maior fôlego. No entanto, é importante ter a consciência de que, ao usar a tese de doutoramento da autora como referência, não é possível acreditar que em qualquer lugar do Brasil as fases de formação do romance-folhetim se comportarão da mesma maneira.

### **3 O espaço ficcional nos contos de Marques de Carvalho**

Se tentássemos aplicar a classificação de Ilana Heineberg aos contos de Marques de Carvalho, seria possível afirmar que alguns contos de autoria do escritor paraense estão na fase mimética, pois são ambientados em cidades portuguesas, enquanto os demais se enquadram na fase de aclimação, pois são representados em cidades da região amazônica. Essa análise, contudo, se não é equivocada, apresenta minimamente uma visão reducionista e precipitada sobre o tema, uma vez que há uma distância temporal muito grande entre os romances-folhetins brasileiros analisados por Ilana Heineberg, publicados em pleno Romantismo, e os contos de Marques de Carvalho, divulgados em periódicos já nas duas últimas décadas do século XIX.

Para obtermos uma análise mais apurada, recorreremos ao enredo dos contos de autoria do escritor paraense: primeiramente os ambientados em Portugal e depois os que representam o espaço amazônico.

O primeiro conto cujo enredo se passa em solo lusitano é *A Cereja*, publicado na coluna *Folhetim* do jornal *A Província do Pará*, em sete fascículos, entre os dias 15 e 23 de agosto de 1885. Essa narrativa conta basicamente com seis personagens. Luiza, Adelaide e Maria são três amigas. Luiza, a personagem feminina central, era uma jovem muito bonita, educada, detentora de um grande talento para a culinária, e estava comprometida com José. Adelaide era uma moça também dotada de uma grande beleza e estava noiva de Antônio. Maria, ao contrário das duas amigas, encontrava-se solteira. José e Antônio eram dois rapazes muito bonitos e ambos eram grandes amigos. Epifânio, por sua vez, era um jovem muito nobre e distinto e sentia um interesse muito forte por Luiza, conhecida por todos

pela alcunha de Cereja, apelido que recebera em razão de suas faces avermelhadas. A moça, embora já estivesse comprometida com José – seu noivo –, era cortejada por Epifânio. A aproximação entre Epifânio e Luiza despertava um ciúme descontrolado em José, motivo de muitas desavenças entre os noivos no decorrer de todo enredo.

No dia do casamento de Adelaide, a melhor amiga de Luiza, José, incomodado com a presença de Epifânio, leva Luiza para casa. No meio do caminho, movido por um instinto incomum, o rapaz morde-a na face, ferindo-a de tal modo que o sangue lhe escorria pelo pescoço. A mordida deixou o rosto de Luiza desfigurado e a jovem rapariga sentia-se feia diante do espelho.

Depois da abocanhada na face de Luiza, José fez uma viagem para evitar os comentários maliciosos, ausentando-se por algum tempo, período suficiente para que Luiza deixasse de amá-lo, pois, em decorrência de sua ausência, Epifânio consegue conquistar o coração da jovem. Quando retornou, José encontrou o rival e a noiva juntos e, movido por um ciúme incontrolável, atirou friamente com uma espingarda no coração de Epifânio. Uma semana depois do assassinato, o corpo de José foi encontrado nas engrenagens de um moinho. Luiza, por sua vez, ainda viveu por alguns anos, mas não alcançou novamente a felicidade e faleceu inconsolável pelos males determinados pelas desventuras.

Essa narrativa é ambientada em Portugal, precisamente nos arredores de Canelas<sup>2</sup>. Percebe-se que o narrador demonstra-se interessado pela descrição do espaço, uma vez que se preocupa com pequenos detalhes e dedica um número significativo de linhas para descrever o local onde se passa a narração.

Nos arredores de Canelas, – província de Trás-os-Montes, em Portugal, – por uma fresca tarde de domingo de maio, estavam três raparigas assentadas debaixo de uma amendoeira carregada de flores, a alguns passos onde se bifurca a estrada a fim de seguir para Poiães e para a Régua.

A natureza estava tranquila. As charruas descansavam, os bois haviam ficado na estrebaria, e o sino da capela de Nossa Senhora das Candeias tocava lentamente, para chamar às vésperas os fiéis que tinham assistido à missa da manhã.

Na azinhaga<sup>1</sup> que conduz da aldeia ao cemitério as romeiras silvestres ostentavam as flores vermelhas sobre a verde ramada dos galhos espinhosos.

Alguns bons montanheseiros haviam passado por essa azinhaga, para dirigirem-se ao campo do repouso e orarem sobre a sepultura onde descansavam a avó, a mãe ou os filhos. Outros, seguindo para a aldeia, faziam o sinal da cruz diante do símbolo da Redenção, que se elevava no meio do pequeno largo que precedia o adro da ermida.

O noroeste, que soprara enfurecido durante toda a semana, sossegara-se de manhã, sem dúvida para descansar também. A toutinegra cantava nas searas, e a codorniz executava um dueto com a companheira.

Tudo era alegria na primavera dos campos e dos prados, dos outeiros e dos montes, os lavradores tinham deixado em casa dos instrumentos de trabalho, e, se aqui ou ali se via um camponês ou algum caseiro examinando as oliveiras ou as amendoeiras, é que uns e outros vinham para admirar as aparências da colheita. Além de que haviam todos envergado os trajes domingueiros e só alimentavam o pensamento de distraírem-se, da conversarem com os amigos, ou de irem refrescar-se nas

---

<sup>2</sup> Freguesia portuguesa do concelho do município de Vila Nova de Gaia.

tavernas do Terreiro em companhia dos camaradas. (CARVALHO, 1885, p. 2)

A menção à capela de Nossa Senhora das Candeias, por exemplo, evidencia que se trata, de fato, do lugar escolhido por Marques de Carvalho para ser palco dessa narrativa, pois esse templo religioso é considerado patrimônio arquitetônico da freguesia de Canelas. Porém, embora o enredo se abra pela longa descrição do espaço, percebemos que a presença do meio desaparece, de tal modo que o narrador prioriza a caracterização dos personagens e o desencadeamento das ações.

Outro conto ambientado em território lusitano é *A comédia do amor*, publicado na coluna *Folhetim* do jornal *A Província do Pará*, em seis fascículos, entre os dias 6 e 15 de setembro de 1885. Essa narrativa conta com a presença das personagens principais Ana de Moura e Raul de Menezes. A personagem feminina é uma jovem muito notável por sua beleza, seu refinamento e sua elegância, além de ser detentora de uma voz fascinante. O herói, por sua vez, é um rapaz rico, oriundo de uma família nobre, apreciador das artes em geral e possuidor também de uma bela voz.

A narrativa organiza-se a partir dos diversos desencontros do casal romântico. Na primeira oportunidade que os dois tiveram para se conhecer, Raul apenas observou a ponta de um véu verde e uma mão feminina coberta por uma luva que segurava a porta de uma carruagem em movimento. Na segunda vez, ouviu uma gargalhada franca e feminina que ressoava em seu quarto no *Hotel dos Viajantes*, mas não teve interesse em tentar descobrir quem era a moça que gargalhava. Na terceira ocasião, viu uma jovem muito bonita sentada em um banco de igreja, mas não conseguiu observar a fisionomia de seu rosto. Nesse momento, percebeu apenas que se tratava da mesma mulher que viajava na carruagem que vira passar e da dona daquela gargalhada sonora.

Na quarta vez, o herói escutou uma bonita voz feminina cantando uma agradável cantiga que vinha de um chalezinho, localizado na cidade do Porto. Ao encerrar-se a canção, Raul cantou de uma maneira esplêndida uma segunda música com uma voz tão surpreendente que impressionou todos que estavam no chalezinho, principalmente a Ana de Moura, mas ainda não é nessa ocasião que os dois se conhecem. Na quinta e última vez, Raul e Ana encontram-se, de fato, em um chalé, propriedade da família Menezes. Os dois reconheceram-se apenas quando Raul convidou a jovem para sentar-se ao piano para que tocasse uma música. Depois de algum tempo, Ana começou a cantar ao mesmo tempo em que tocava as teclas do instrumento musical. Após alguns versos, a voz de Raul juntou-se à sua e, nesse momento, os dois descobriram-se apaixonados um pelo outro.

O enredo desse conto se passa em Portugal, mais precisamente nas cidades de Peso da Régua e do Porto. O caminho de ferro do Douro e Minho, construído em 1875, e a estação de trem de Campanhã, inaugurada em 20 de maio de 1875, por exemplo, são mencionados na narrativa e constituem pontos de referência que aludem, de fato, às cidades portuguesas citadas nesse conto.

Segundo José Eustáquio de Azevedo (1997), Marques de Carvalho, em maio de 1879, embarca para Lisboa, capital de Portugal, para iniciar seus estudos no curso de humanidades. É possível inferir, portanto, que os lugares mencionados nos contos *A Cereja* e *A comédia do amor* foram, de fato, visitados pelo escritor paraense.

Além dos textos ficcionais ambientados em Portugal, Marques de Carvalho também representou o espaço amazônico em outras narrativas de sua autoria. O conto *Que bom marido!...*, por exemplo, é ambientado em Belém, capital do estado do Pará. Publicada no dia 25 de dezembro de 1885, em um único fascículo, na coluna *Folhetim* do jornal *A Província do Pará*, essa narrativa apresenta como temática principal um caso de traição

entre o casal Bonifácio e Elvira. Os dois já estavam casados há três anos, não tinham filhos e viviam em uma casa localizada na estrada de São Brás, na cidade de Belém. Bonifácio era amanuense, um homem obeso de aproximadamente quarenta anos, com o rosto cheio de rugas e com barbas grisalhas. Elvira, ao contrário, era uma mulher jovem de dezoito anos, cujo rosto e corpo apresentavam uma beleza encantadora, que despertava o interesse de muitos rapazes enamorados.

Bonifácio e Elvira viviam uma fixa rotina, que foi infringida quando Jacinto, um jovem e atrevido conquistador, apaixonou-se por Elvira. O rapaz, responsável pela quebra da harmonia cotidiana do casal, passava todos os dias em frente à casa de Bonifácio para apreciar a beleza de Elvira, que ficava todas as tardes à janela, enquanto o marido jogava cartas com os amigos na varanda.

Depois de algum tempo, Elvira e Jacinto passaram a se corresponder por cartas, durante aproximadamente sete meses. Porém, na antevéspera de Natal, Elvira escreve a Jacinto, pedindo-lhe que viesse a sua casa à noite na véspera de Natal, para aproveitar a ausência do marido, que iria assistir à missa do galo. Elvira fingiria uma forte dor de cabeça para ficar em casa à espera do jovem amante. O plano, contudo, não teve êxito, uma vez que Bonifácio intercepta a carta que uma mulata que trabalhava em sua casa levaria ao jovem enamorado. Esperando às escondidas pela chegada do cortejador no horário marcado, Bonifácio, quando se depara com Jacinto, começa a surrá-lo fortemente, ordenando-lhe depois que não tornasse mais a namorar moças casadas.

Nesse conto, além da menção à localização da casa de Bonifácio e Elvira numa estrada da cidade de Belém, a rotina anual do casal é organizada segundo os festejos que são organizados na capital.

Dispostas as coisas para a segunda refeição, ia sentar-se à máquina de costura, que lhe dava não diminuta receita para o auxílio das despesas diárias. O ganho desses trabalhos e os vencimentos do sr. Bonifácio formavam uma soma bem razoável todos os meses, a qual lhes permitia de tempos a tempos o luxo de um camarote no Teatro da Paz, um passeio a bonde nas noites de luar, um vestido novo para o círio de Nazaré, algumas dúzias de pistolas e bexigas na festa de S. João, e mais outras regalias que alegravam o gorducho amanuense e forneciam à encantadora esposa dele ensejo para satisfazer a sua natural vaidade de mulher bonita e nova... (CARVALHO, 1885, p. 2)

É possível perceber que o ordenado de Bonifácio e os trabalhos de costura de Elvira permitiam que o casal frequentasse de vez quando um luxuoso camarote no Teatro do Paz<sup>3</sup>, possibilitavam um passeio de bonde nas noites de luar, propocionavam um vestido novo para Elvira no Círio de Nazaré<sup>4</sup> e algumas pistolas e bexigas na festa de São João<sup>5</sup>. Nesse conto, observamos que as ações das personagens estão de acordo com os costumes da

---

<sup>3</sup> Fundado em 15 de fevereiro de 1878, durante o período áureo do Ciclo da Borracha, quando ocorreu um grande crescimento econômico na região amazônica, o Teatro da Paz foi construído para proporcionar divertimentos à elite local vigente na época. É considerado atualmente o primeiro teatro construído na Amazônia, o maior da região Norte e um dos mais luxuosos do Brasil.

<sup>4</sup> Realizado em Belém do Pará há mais de dois séculos, o Círio de Nazaré é uma das maiores e mais belas procissões católicas do Brasil e do mundo. Reúne, anualmente, cerca de dois milhões de romeiros numa caminhada de fé pelas ruas da capital do estado, num espetáculo grandioso em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré, a mãe de Jesus, que ocorre sempre no segundo domingo do mês de outubro.

<sup>5</sup> Festa cristã realizada no dia 24 de junho em comemoração ao nascimento de João Batista, profeta que batizou Jesus Cristo nas águas do Rio Jordão.

sociedade belenense oitocentista. Desse modo, notamos uma relação muito estreita entre espaço e personagem. Não se trata, portanto, de apenas mencionar que o conto está sendo ambientado em algum lugar de Portugal ou do Brasil, mas sim de organizar sua estrutura narrativa de tal modo que o espaço, o tempo, o enredo e as personagens se entrelacem, formando uma unidade em que se possa perceber que esses elementos se influenciam mutuamente.

Outro conto ambientado na região amazônica é *No baile do comendador*, publicado na coluna *Folhetim* do jornal *A Província do Pará*, no dia 19 de maio de 1889, em um único fascículo. Essa narrativa representa um diálogo entre os personagens Arcelina e Machado, supostamente em um baile, em razão do título dado ao conto. Arcelina demonstra-se incrédula em relação à sinceridade das palavras do doutor Machado, ricas em afeto, lirismo e sentimentalidades, e narra-lhe uma história para lhe provar que sua descrença a respeito dos homens é baseada nas lições que aprendeu com a vida.

Arcelina conta-lhe uma pequena história baseada em um fato verídico que ouviu quando criança de uma velha que atendia pelo nome de Eufrásia. No período da revolta da Cabanagem, Aniceto, um rapaz esbelto de uns vinte anos, morava às margens da baía do Guajará e estava de casamento marcado com Tomásia, uma rapariga que residia na margem oposta do rio. O jovem cabloco passava horas inteiras muito contente ao lado de sua noiva. Houve, um dia, no entanto, que alguns guerrilheiros da Cabanagem, revoltosos e sedentos por derramar sangue, invadiram a casa de Tomásia, violentaram-na e ainda por cima mataram seus pais. Aniceto escapou juntamente com a família para dentro da floresta. De sua casa, o rapaz presenciou a violência a que sua noiva foi submetida e, em nenhum momento, teve iniciativa de salvá-la. Em vez disso, fugiu cheio de medo e sem remorso.

Anos depois, Tomásia encontrou o antigo noivo vivendo na companhia de uma torpe mulata animalizada. Além disso, a casa onde Aniceto morava estava coberta pelo matagal. Tomásia, por sua vez, estava envelhecida e havia gerado um filho que era fruto da violência que sofrera.

Ao terminar a narração dessa história, Arcelina pergunta ao doutor Machado se ele ainda acreditava na existência de um só homem sincero e verdadeiramente amante, capaz de efetuar todas aquelas palavras mentiras que ele havia proferido.

É possível observar que Marques de Carvalho escreve uma narrativa que alude a um período marcante na história da província do Grão-Pará – a Cabanagem, um movimento formado basicamente por índios, caboclos, negros, mestiços das variadas combinações étnicas, libertos ou escravos. Segundo Vicente Salles, os cabanos “levaram sua luta até as últimas consequências, até a tomada do poder” (SALLES, 2011, p. 32). É por essa razão que, durante a revolução social dos cabanos, houve a morte de muitos mestiços, índios e africanos pobres ou escravos, além do homicídio de uma parte significativa da elite da Amazônia. Os brancos eram, no entanto, o principal alvo dos cabanos, sobretudo os portugueses mais abastados.

No conto *No baile do comendador*, a personagem Tomásia é vítima da agressão dos guerrilheiros revoltosos da Cabanagem, e seu relacionamento com Aniceto chega ao fim porque o jovem cabloco, embora estivesse vendo que a noiva estava em perigo, não teve coragem de ir a seu encontro para tentar salvá-la e fugiu deixando-a para trás, totalmente entregue à própria sorte.

A cabanagem assolava esta parte da província. As aguerridas guerrilhas dos revoltosos percorriam sanguisedentas povoados e roças, buscando e fazendo vítimas por toda a parte, com o desabrimento impudico da mais ousada barbaridade.

Em tais condições, a casa dos pais de Tomásia não poderia escapar à visita dos desalmados. Esta foi sujeitada à mais torpe violência que se pode intentar contra uma donzela, e os pais da rapariga, por haverem querido dissuadi-los da infâmia, – após assistirem à perpetração selvática do atentado sem nome, sofreram inermes a pena última, dependurados, um defronte do outro, em dois galhos de sombrosa sumaumeira!

Escaparam ao rábido furor dos revoltosos Aniceto e seus pais, que se embrenharam precavidos nos profundos recessos da floresta. De sua casa haviam presenciado o que se passava na roça fronteira e nem um só momento o rapaz (...) sentiu um assomo de correr a vingar o ultraje a que lhe tinham submetido a noiva! (...)

Fugiu, poltronamente, cheio de medo, sem um remorso que, exprobrando-lhe a indignidade, propelisse-o a ir morrer no sítio onde haviam insultado a sua noiva, – sem ir arrebentar os miolos de um dos abjetos infames, ainda mesmo quando tivesse a certeza de ser feito pedacinhos pela tropa dos sicários!

Anos depois, quando se estabelecera a pacificação na província, a Eufrásia encontrou-o em casa, muito satisfeito e cínico, a viver na companhia de torpe mulata animalizada por uma vida de largas materializações soezes e gordurosas. (...)

Lá defronte, porém, a roça, tão florescente de antes, convertera-se em matagal e a infeliz Tomásia, – apatetada e envelhecida, coberta de andrajos e chorosa, – tinha simplesmente, como testemunha da sua desgraça, uma criança inconsciente, um filho que dentro dela semeara a hedionda selvageria dos revoltosos. (CARVALHO, 1889, p. 3)

Então, é possível perceber que o enredo dessa narrativa apresenta como pano de fundo um fato histórico que se desenvolveu na região amazônica durante o período regencial, precisamente na segunda metade da década de 1830. Além do movimento cabano, notamos a menção no enredo à farinha de mandioca, alimento tipicamente paraense. Na narrativa, a família de Aniceto, que sobrevivia da agricultura familiar, produzia a farinha mais famosa comercializada em Belém. Outro elemento que é também mencionado no conto é a baía do Guajará, que banha diversas cidades do estado do Pará, inclusive a capital, Belém. No enredo, os personagens Tomásio e Aniceto moravam em margens opostas do rio, mas esse obstáculo não impedia que o jovem caboclo o atravessasse para encontrar-se com a noiva. Percebemos, então, que os elementos que caracterizam a região a que esse conto se refere combinam-se para que haja uma impregnação do espaço amazônico na tessitura do texto ficcional, de tal modo que percebamos que a narrativa não tem condições de ser representada em nenhum outro lugar além da Amazônia.

## **Conclusão**

Sabemos que foi a partir do Romantismo que houve uma preocupação por parte dos escritores brasileiros, tomados por um instinto de nacionalidade, em representar em suas obras ficcionais – contos, novelas e romances – traços de brasilidade, que evidenciassem a cor local e os costumes sociais. Porém, o grupo social que teve, de fato, representação literária na fase romântica foi a burguesia fluminense.

No entanto, segundo Leonardo Mendes (2008), a partir do movimento naturalista no Brasil, há uma mudança de foco, pois uma das grandes contribuições do Naturalismo refere-se ao fato de que grupos sociais antes marginalizados, não apenas socialmente como

também literariamente, passaram a ser representados pela primeira vez na literatura, como negros, pobres, vadios, mulatos e homossexuais. Nesse sentido, a obra de Marques de Carvalho, de modo geral, tem como foco principal evidenciar a Amazônia, a partir da representação de costumes, de personagens estereotipicamente amazônicos e de elementos tipicamente regionais (culinários, linguísticos, geográficos, históricos, entre outros).

Nos contos ambientados na região amazônica, é possível perceber que o espaço ficcional não é apenas um elemento acessório, ou seja, o lugar onde se desenvolve a narrativa. Podemos observar que o ambiente relaciona-se e combina-se com o enredo e com as personagens, de tal modo que há impregnação do espaço amazônico na tessitura da narrativa, interferindo nas ações das personagens, no desenvolvimento do enredo e na demarcação do tempo. Já nos contos ambientados em cidades portuguesas, notamos que o espaço lusitano não assume uma dimensão que ultrapasse a categoria de lugar onde se desenrola a narrativa. Além disso, embora alguns de seus contos sejam ambientados em território lusitano, não é possível afirmar que Marques de Carvalho apresenta uma produção ficcional em que o espaço narrativo seja oscilante, pois seus textos em prosa de ficção, majoritariamente, representam a região amazônica.

### Referências Bibliográficas

- [1] AZEVEDO, José Eustáquio de. **Antologia Amazônica**. Belém: Livraria Carioca Editora, 1918.
- [2] CARVALHO, Marques de. A Cereja. **A Província do Pará**, Folhetim, Belém, 15, 18, 19, 20, 21, 22 e 23 ago. 1885, p. 2.
- [3] \_\_\_\_\_. A comédia do amor. **A Província do Pará**, Folhetim, Belém, 6, 10, 11, 12, 13 e 15 set. 1885, p. 2.
- [4] \_\_\_\_\_. Que bom marido!... **A Província do Pará**, Folhetim, Belém, 25 dez. 1885, p. 2.
- [5] \_\_\_\_\_. No baile do comendador. **A Província do Pará**, Folhetim, Belém, 19 maio 1889, p. 2-3.
- [6] HEINEBERG, Ilana. **La suite au prochain numéro** : Formation du roman-feuilleton brésilien à partir des quotidiens Jornal do comércio, Diário do Rio de Janeiro et Correio mercantil (1839-1870). Paris : Université de la Sorbonne Nouvelle, 2004. 400 f. Thèse de Doctorat – U. F. R. d'Études Ibériques et Latino-Américaines, Université de la Sorbonne Nouvelle.
- [7] \_\_\_\_\_. Miméticos, aclimatados e transformadores: Trajetórias do romance-folhetim em diários fluminenses. In: ABREU, Márcia (Org.). **Trajetórias do romance**: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX. Campinas: Mercado de Letras/FAPESP, 2008. p. 497-522.
- [8] MENDES, Leonardo. O romance republicano: naturalismo e alteridade no Brasil, 1880-90. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 24, p. 189-207, 2008.
- [9] SALLES, Vicente. **Marxismo, socialismo e militantes excluídos**: capítulos da História do Pará. Belém: Paka-Tatu, 2001.